

O PAPEL DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL INTEGRAL: um estudo sobre a relação professor-aluno

AMORIM, Ariane Palma Pires ¹ ; LESSA, Lara Fernandes ² ; CARMO, Amanda Juliana do ³

¹ Graduação Pedagogia - UNIFAGOC

² Graduação Pedagogia - UNIFAGOC

³ Docente Pedagogia - UNIFAGOC



arianepamorim@gmail.com
lara.lessa@colégioapogeu.com.br
amanda.carmo@unifagoc.edu.br

RESUMO

A escola de ensino integral está cada vez mais presente na sociedade, recebendo crianças em diferentes fases do desenvolvimento. Nesse sentido, os educandos têm passado mais tempo na escola do que com a família, o que implica uma necessária compreensão sobre a relação professor-aluno. Sendo assim, este estudo de caso teve como objetivo compreender o papel da afetividade entre professor e aluno do ensino de período integral, em uma escola de educação infantil da rede privada, da cidade de Ubá-MG. Para tanto, foram realizadas entrevistas com professoras e uma mãe da referida escola. Os resultados, obtidos através da análise de conteúdo, revelaram que a afetividade acontece de forma positiva. Contudo, nesse contexto de ensino, os professores percebem que ainda falta maior diálogo entre família e escola.

INTRODUÇÃO

A sociedade tem vivenciado um momento de grande globalização, diminuindo, assim, o tempo e o espaço de convivência familiar. Com isso, muitas crianças ficam cada vez mais fora de casa, pois são direcionadas para creches e escolas de período integral, onde permanecem durante a maior parte do seu dia.

A educação infantil visa a desenvolver os aspectos físicos, intelectuais, sociais e psicológicos, conforme artigo 29, da Lei 9.394/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN). No contexto da educação integral, garantida pela referida lei, é importante ressaltar que o educar e o cuidar compõem o processo de desenvolvimento do aluno, o qual é de responsabilidade dos educadores (BRASIL, 1996).

A afetividade na educação tem sido um tema discutido em função do contexto socioeconômico e cultural em que a escola se situa na atualidade. Muitos autores (CARVALHO; FARIA, 2010; ALENCASTRO, 2009) estudam a importância do afeto na relação professor-aluno, porém poucos tratam do cuidado e do afeto no ensino integral, especialmente o da rede privada.

Pressupõe-se que, nesse ambiente, as crianças não devem confundir o verdadeiro papel do educador, ao mesmo tempo em que ao professor não deve faltar afeto para auxiliar nas questões do desenvolvimento humano.

Entretanto, na educação integral, a criança pode criar necessidades afetivas e cognitivas em função do ambiente no qual está inserida, impactando diretamente no seu

desenvolvimento cognitivo e social. Considerando que o tempo de interação da criança com a família está cada vez mais reduzido, surge a questão: qual é o papel da afetividade entre o professor e o aluno, da educação infantil, no ensino integral?

O presente estudo de caso visa a compreender o papel da afetividade entre professor e aluno do ensino de período integral, em uma escola de Educação Infantil da rede privada da cidade de Ubá-MG.

Espera-se que os resultados possam contribuir para a ampliação das reflexões sobre a relação professor-aluno e a educação integral.

REFERENCIAL TEÓRICO

O embasamento teórico deste estudo traz reflexões sobre o ensino integral, o papel do professor e a afetividade, conforme subtópicos a seguir.

A educação integral e o papel do professor

No Brasil, de acordo com Amorim (2013), a educação integral teve notoriedade a partir da década de 1930 por iniciativas de Plínio Salgado, político brasileiro que objetivava construir uma nova ordem social e econômica. Posteriormente, com o educador Anísio Teixeira, um dos pioneiros da educação integral no país, surge a reforma pedagógica com o conceito de um ensino primário integral; seus ideais ainda estão presentes na atualidade. Segundo a autora, Anísio Teixeira defendia que a “educação integral considera o sujeito como um todo, em um currículo que promove um diálogo entre ciência e arte” (AMORIM, 2013, p. 3).

Alguns autores (AMORIM, 2013; PACHECO, 2008) compreendem que a educação integral é garantida pela Constituição Federal Brasileira, de 1988, no art. 205, pois:

a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

Nesse sentido, as redes públicas e privadas aderiram ao ensino integral, cada uma de forma diferente e atendendo às necessidades de sua comunidade escolar. Isso, porque com avanço do capitalismo e o crescimento da globalização, o tempo que os pais têm para ficar com os seus filhos é muito curto e, então, eles acabam optando por matricular as crianças na escola o quanto antes e por um maior período de tempo. Emerge, portanto, a necessidade de implementação de programas que englobem a educação integral para as escolas de ensino público e privado.

Pacheco (2008) afirma que essa necessidade se ampliou nas últimas décadas do século XX, quando ações políticas e jurídicas passaram a promover a educação integral.

Além da Constituição Federal, a autora destaca a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 1996, e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990, como documentos que defendem o desenvolvimento integral do ser humano.

Amorim (2013) ressalta que o programa “Mais Educação” é uma estratégia para ampliação da jornada escolar na perspectiva da educação integral nas escolas de redes públicas, a fim de diminuir a desigualdade educacional no ensino fundamental. Além desse programa voltado para alunos do Ensino Fundamental, contam também com as creches para alunos da Educação Infantil.

Entre as políticas públicas educacionais, o Plano Nacional da Educação (PNE), através da lei nº 10.172/2001, indica a proposta de educação integral como possibilidade de formação integral da pessoa. O documento apresenta a educação em tempo integral como objetivo do ensino fundamental e associa a ampliação da jornada aos alunos das camadas sociais mais necessitadas, valorizando o aspecto de assistência social (BRASIL, 2009).

É importante considerar que, para as escolas de ensino privado, há uma expansividade de conteúdos que englobam a educação integral, tendo, como exemplos, as instituições que adotam o ensino bilíngue, a ampliação de atividades extras curriculares tais como informática, teatro, cursos profissionalizantes, música etc., envolvendo tanto a Educação Infantil quanto o Ensino Fundamental (AMORIM, 2013).

Para Amorim (2013), com todo esse processo e a inserção da criança na escola, o professor tem um papel importante para o desenvolvimento e execução do ensino integral, pois deve atender às diversas necessidades dos alunos, de forma a oferecer um melhor desenvolvimento educacional e participativo no ambiente, levando em consideração que a criança ficará durante a maior parte do dia na escola. Em conformidade, Oliveira (2014, p.3) afirma que “a responsabilidade de educar, hoje, recai tão somente sobre a escola, especialmente, sobre a figura do professor”.

A profissão docente, no contexto brasileiro, é regularizada pela LDBEN (Lei 9.394/1996), que afirma que o professor:

(...) licenciado em Pedagogia, forma-se para a docência da Educação Infantil, para os anos iniciais do Ensino Fundamental, além do exercício nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal e em cursos de Educação Profissional, na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos, atuando em contextos escolares e não-escolares, além de capacitar-se para atuar como profissional da Educação na administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional. (LDBEN, 1996).

Além da referida lei, o código de ética do pedagogo dispõe deveres como: transmissão de conhecimento, respeito à dignidade, zelo entre outras funções consideradas básicas para um processo de ensino de qualidade, assegurando que o professor exerça sua profissão com êxito (AUNIPEDAG, 2015).

Assim, o docente e a família devem cooperar para o crescimento escolar do

indivíduo. O desenvolvimento inicial e a educação formal das crianças devem partir dos responsáveis com necessidade de acompanhamento e não inversão dos papéis, pois não cabe à escola a transmissão de conhecimentos básicos de educação, tais como valores que devem ser provenientes da família, uma vez que a instituição de ensino tem como função trabalhar a cidadania e valores éticos (BRAGA, 2016).

Considerando que na educação integral os professores participam por mais tempo da rotina das crianças, faz-se necessário compreender, conforme a seguir, o processo de aprendizagem em um contexto no qual o cuidado e a afetividade se façam presentes.

O processo de aprendizagem e a afetividade

O contexto da inter-relação entre o professor e o aluno refletirá na vida do discente, tanto no âmbito educacional quanto na afetividade. Cabe ao docente, através dos aspectos essenciais do ato de ensinar, um comprometimento pessoal e também profissional. O professor tem que prezar por todas as qualidades do educando para que os alunos não fiquem sem o cuidado essencial que os levará a desenvolver suas aptidões (COSTA, 2017).

Segundo Costa (2017, p. 1), na psicologia do conhecimento, autores como Piaget, Wallon e Vygotsky entendem que “tão importante quanto as metodologias de ensino usadas no cotidiano escolar é o espaço que o afeto ocupa na construção do conhecimento”. Para a autora, falar de afeto é falar de um elemento importante do fazer pedagógico.

Em conformidade, Leite e Tassoni (2000 *apud* Costa, 2017, p.3) destacam que nas atividades pedagógicas, as mediações feitas pelo professor devem:

(...) ser sempre permeadas por sentimentos de acolhida, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam a sua autoimagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões.

A autora afirma que o indivíduo, em seu desenvolvimento, conta com ações afetivas tanto por parte do profissional educador, quanto do ambiente escolar e familiar. Para ela, o professor tem como função tornar a aprendizagem mais satisfatória e de melhor acesso, porém com a interação adequada dos limites das relações interpessoais e com a busca por alcançar a aprendizagem com atividades que envolvam o aluno e demandem maior interesse dele para com o que for fornecido. Assim, o objetivo é que a criança reconheça a diferença entre a afetividade disposta na escola e a afetividade do contexto familiar em que vive, para que, de fato, ela se desenvolva e tenha o reconhecimento dos limites e correções de acordo com cada meio em que está inserida (COSTA, 2007).

O desenvolvimento que o vínculo citado acima desperta na criança é capaz de promover maior alcance de conhecimentos que irão influenciar nas ações e pensamento

crítico, apropriando-se de conhecimentos novos e enriquecedores, para que esse acúmulo de ideais, informações e conteúdo evoluam juntamente com o desenvolver da criança (COSTA, 2017).

Para Costa (2010⁷), o afeto educa; por outro lado Moreira (2011) destaca as necessidades primordiais que os alunos nem sempre possuem, tais como estruturas físicas, para passar o dia inteiro na monotonia de um estudo integral.

Além disso, não há garantias de que todos os professores e funcionários de uma escola possuem a total preparação para estarem com as crianças durante todo o período, assim como também equilíbrio afetivo para promoverem o desenvolvimento cognitivo sem inverter seu papel com o da família.

METODOLOGIA

O presente estudo de caso foi realizado em uma escola da rede privada de ensino da cidade de Ubá - MG. De forma voluntária, aceitaram participar da pesquisa duas professoras, denominadas aqui como Professora A e Professora D, e uma mãe, denominada Mãe E. Para a coleta dos dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada, com um roteiro contendo sete perguntas.

As entrevistas foram gravadas, com a permissão dos participantes, e transcritas. Os resultados foram obtidos pela Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), com foco no registro temático.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Expõe-se aqui os resultados do estudo desenvolvido, contendo os sentidos revelados pela análise das entrevistas realizadas. Ponderando as entrevistas, pode-se observar unanimidade quando se destaca a família e a escola e suas indissociáveis relações com o indivíduo em questão: o educando. Assim, obteve-se os pontos principais para a análise e o englobamento dos fatos, a saber: família e escola; afeto e educação.

A indissociável relação entre família e escola

As professoras pesquisadas, ao serem indagadas sobre a família e a escola, frisaram a importância e a necessidade de ambas andarem juntas, principalmente por ser um ensino integral, no qual os professores realizam funções básicas, em especial, nos anos iniciais.

Então, segundo as entrevistadas, o diálogo entre família e escola é essencial, pois:

em Pedagogia, forma-se para a docência da Educação Infantil, para os anos iniciais do Ensino

família e escola precisam sempre estar juntas, andar juntas, a família depende da escola e a escola depende da família. O que a gente precisa da família? Entender o ambiente familiar em que a criança vive, todos os processos, os conflitos da criança. Traz um reflexo para dentro da escola, como comportamento, por exemplo. Outra coisa, o papel da família na escola, um exemplo: "hoje o aluno não dormiu à noite, teve febre"; não é simplesmente chegar e entregar a criança. Isso é importante, porque é uma troca da família e da escola. (PROFESSORA D).

Ressalta-se que a criança passa a maior parte do tempo dentro da escola onde, também, realiza suas atividades básicas, como higienização e refeições. Desse modo, a troca de informações entre a escola e a família é de extrema necessidade, uma vez que envolve questões físicas e psicológicas, as quais compõem o desenvolvimento da criança. A professora A reforça:

Eu considero que a relação de família escola deve ser de extrema importância, as crianças do ensino integral são crianças mais carentes, que ficam poucos com os pais, então o pai das crianças tem que ficar bem atento ao que a escola está passando para a criança. Pois a criança do ensino integral é a que mais tem carência e quer chamar atenção. Eu acho muito importante a relação da família da escola, mesmo que sejam poucos os pais que realmente se preocupam com essa relação. (PROFESSORA A).

Em concordância, autores como Amorim (2013) e Pacheco 2008 destacam em seus estudos que a educação é um dever da família e do Estado, conjuntamente, conforme determina a Constituição Brasileira. Nesse sentido, escola e família não se separam, tendo em vista que devem ter o interesse comum de promover a educação da criança.

Entretanto, pela fala da professora A, nota-se que a preocupação com o diálogo entre família e escola não é compartilhada por todos os pais. A entrevistada revela também que as crianças, neste tipo de ensino, demonstram maior necessidade de afetividade, que é suprida pelas professoras.

Sob esse viés, é preciso compreender que a criança passa em média onze horas por dia, cinco vezes por semana dentro da escola. A escola apresenta muitos benefícios e estímulos que talvez não teriam em casa, como a socialização com outras crianças. Por outro lado, a criança cresce se espelhando no que está presente em seu dia a dia, o que exige maior atenção e diálogo entre pais e professores.

O afeto no cuidar e a educação

Quando questionadas sobre o cuidado, a educação e o afeto com as crianças, as professoras alegam nunca terem sido atrapalhadas ou prejudicadas através dessa relação interpessoal. Assim, sobre a afetividade a professora A denota que:

(...) isso não atrapalhou, pelo contrário, contribuiu para o meu papel na sala de aula. Ao contrário do dito assim: a professora puxa mais pro lado do fulano, não. Dentro da sala eu

era a professora, fora da escola eu sou a amiga, a colega da criança, e do aluno vir para minha casa e tudo. Eu soube separar e soube fazer. Ao contrário dos pais criticarem, a família me apoiava nas decisões dentro da sala de aula. Isso não atrapalhou meu papel como professor. (PROFESSORA D).

E complementa:

Na Educação Infantil, principalmente as crianças dos anos iniciais, separar o cuidar do educar é impossível. As professoras, às vezes, conhecem a criança pelo olhar ou pelo choro, o cuidado não tem como separar do educar, mas esse educar é pedagógico. Então o professor, principalmente do integral, que dão banho e almoço, às vezes, muitas vezes, nem os pais compartilham desse momento. É impossível separar o cuidar do educar. (PROFESSORA, A).

As professoras entrevistadas revelam a participação da escola integral em momentos que, geralmente, são compartilhados entre criança e família, como o horário da refeição e do banho; entretanto há diferenças entre o afeto familiar e o afeto mediador. O afeto, quando parte dos profissionais da educação, é capaz de favorecer o desenvolvimento da criança no meio onde ela está inserida, facilitando a sua inclusão.

Em concordância, Costa (2007) afirma que o afeto está presente na relação professor-aluno. Para a autora, inclusive, o “comprometimento com as práticas docentes é uma prova da afetividade” (p. 11).

A inserção da educação formal nas fases iniciais da criança é extremamente estressante, por ser tudo novo; então, com afeto, torna-se mais fácil ganhar a criança, a confiança dela, para obter eficácia em outros aspectos que o professor/mediador necessita para promover o desenvolvimento infantil. Dessa forma:

Cuidar e educar são palavras amplas e indissociáveis. Você está cuidando quando troca uma fralda, quando vai ao banheiro, quando você dar o almoço. O educar está dentro do cuidar, pois quando realiza essas atividades com a criança, você está interagindo educando ou ensinando sobre algum determinado assunto naquele tempo que você divide com ela. Ali, parte todo um princípio. (PROFESSORA D).

Eu já percebi que alguns alunos necessitam mais do professor, principalmente os menores, eles necessitam desse cuidado e da atenção. Quando a criança é muito pequena ela precisa desse afeto, elas precisam do professor sempre junto. Elas estão na fase do aprendizado, então necessitam mais do professor. De acordo que vão crescendo, ela não tem tanta dependência, mas continuam carentes. Eu então, sempre busco ouvir e conversar bastante com elas, brincar, dar carinho, além de uma educação apenas pedagógica. Aquela educação que

o pai faz em casa, de como escova um dente, ou toma um banho sozinha. Mas nunca me atrapalhou em nada, nem no desenvolvimento da criança; sempre foi com bastante separação, a criança sabe que sou professora dela. Contribui mais do que atrapalha. (PROFESSORA A).

Percebe-se, pela fala das professoras, que, além do cuidado, alguns alunos exigem maior atenção afetiva, especialmente os menores, por serem ainda mais dependentes. O diálogo também é destacado como necessário na relação professor-aluno.

Para Costa (2007), a afetividade é essencial nos anos iniciais da escola, pois compõe as práticas humanas e se torna essencial para o desenvolvimento da cognição, promovendo a aprendizagem, especialmente na Educação Infantil.

Desse modo, o afeto implica em reconhecer os fatores dominantes para o melhor desenvolvimento da criança no interior da instituição, para acompanhar seu comportamento e suas respostas.

Ao indagar uma mãe cuja filha estuda nessa mesma escola, ela revelou que o afeto e o cuidado são características que os pais procuram, já que a criança passará tanto tempo dentro desse ambiente. Para ela, o carinho e o cuidado são vistos como diferenciais:

Eu percebi que uma escola que transmite carinho ou imita o carinho o filho tem em casa. Faz diferença sim. Para ela ficar na escola desde cedo onde ela se sinta acolhida, um carinho fraterno, faz toda diferença, ela se sente segura. Uma das habilidades que percebi que minha filha alcançou, foi a autonomia, e aqui em casa é a mesma coisa e por ela ter aprendido na escola, foi muito mais fácil. (MÃE E).

Neste sentido, a presença de afetividade na escola pode trazer um certo conforto para os pais que, situados em moldes capitalistas de trabalho, não conseguem passar um tempo maior com os filhos. Contudo, não se deve inverter os papéis, pois a escola não substitui a família, conforme denota Braga (2016).

Para Amorim (2013), o papel do professor é promover o desenvolvimento do aluno; entretanto, este desenvolvimento, como apontado pelas entrevistadas, não ocorre sem envolver algum tipo de emoção, pois a afetividade está presente, segundo Costa (2007), em todas as atividades humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o avanço do capitalismo, muitas crianças passam a maior parte do seu tempo sendo estimuladas e interligadas com mediadoras ou professoras do ensino integral. Nesse sentido, o papel da afetividade na escola se apresenta como positivo, tendo em vista que os professores da escola pesquisada alegam que é um processo natural, que

auxilia no desenvolvimento das crianças.

A afetividade influencia o desenvolvimento cognitivo e social do aluno, especialmente nos anos iniciais da educação e engloba tanto o envolvimento familiar quanto escolar.

Contudo, as professoras sinalizam a preocupação com o diálogo entre família e escola e, também, em relação à participação efetiva dos pais. Por outro lado, o depoimento da mãe demonstrou o quanto pode ser confortável para a família entender que no ambiente escolar existe uma relação afetiva.

Cabe ressaltar que a escola não substitui a família, ao mesmo tempo em que a família não substitui a escola no contexto de afetividade, mas se complementam para despertar o melhor desenvolvimento do educando.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Clarice Escobar. **As relações de afetividade na educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://peadalvorada09.pbworks.com/f/afetividade.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2020.

ALVES, Joana D'arc Moreira. Escola de tempo integral: uma reflexão sobre suas contribuições e seus desafios, considerando a diversidade e a inclusão. **Itinerarius Reflectionis**, v. 7, p. 1, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rir.v2i11.1229>. Acesso em: 05 maio 2020.

AMORIM, Joseane Maria de Aguiar. **Docência e educação integral**: percepções das professoras da escola básica adotiva Liberato Valentim. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Integral), Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/105647/Joseane%20Maria%20de%20Aguiar%20Amorim.pdf?sequence=1>. Acesso em: 05 maio 2020.

AUNIPEDAG, 2015. Disponível em: http://aunipedag.com.br/arquivos/Revista_Aunipedag_20_10_15.pdf. Acesso em: 05 maio 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 22 mar. 2020.

BRASIL. Lei nº 10.172 - **Estabelece o Plano Nacional de Educação**. 2001. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/>. Acesso em: 05 maio 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

CARVALHO, Arlete Maria de; FARIA, Moacir Alves de. A construção do afeto na Educação. **Revista Saberes da Educação**, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/arlete.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2020.

COSTA, Gisele Ferreira da Costa. **O afeto que educa**: afetividade na aprendizagem. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017. Disponível em: ufjf.br/pedagogia/tccs. Acesso em: 05 maio 2020.

MEDINA, Mônica Ribeiro. **A educação infantil e a pesquisa participante**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Unisal - Centro Universitário Salesiano de São Paulo, São Paulo. Disponível em: https://unisal.br/wp-content/uploads/2013/04/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Monica-Medina.pdf. Acesso em: 22 mar.

2020.

OLIVEIRA, W. M. **Uma abordagem sobre o papel do professor no processo ensino/aprendizagem**. Inesul, Londrina, p.1-12, 2014.